



POR DENTRO DA TRADIÇÃO DO YOGA

Entrevista com Edwin F. Bryant, Ph.D.

O Prof. Dr. Edwin Bryant viveu por muitos anos na Índia e foi treinado em meio aos *pundits* tradicionais. Possui experiência em filosofia da Índia, e sua nova tradução e comentário sobre o *Yoga Sūtras* (que será lançada neste verão), está dedicada a contribuir para o crescimento do corpo literário do *yoga*, oferecendo *insights* dos maiores comentaristas pré-modernos sobre o texto e uma visão fundada nos ensinamentos em seu contexto tradicional.

Integral Yoga Magazine: Parece haver uma confusão sobre quem fundou o *yoga* e se Patañjali é, realmente, o autor do *Yoga Sūtras*. Pode esclarecer?

Edwin Bryant: As origens do *yoga* se encontram na época primordial e mítica. Patañjali é o autor daquele que passou a ser o texto seminal para as tradições do *yoga*, o *Yoga Sūtras*. Essencialmente, Patañjali foi um compilador e organizador de tradições pré-existentes. Havia linhagens variadas e diferentes de *yoga*. Já nas antigas *Upaniṣads* há referência a um *yoga* de seis partes, e encontra-se um *yoga* de cinco partes no épico *Mahābhārata* (Patañjali organizou seu sistema em oito partes). Portanto, Patañjali não é o inventor ou fundador do *yoga* – e ele não afirma isso. Logo no primeiro *sūtra* está: “*yoga anuśasanam*.” “*Anu*” quer dizer continuação. Patañjali está dizendo que ele está expondo acerca de uma tradição existente de *yoga*, e todos os comentaristas entendem dessa forma.

De fato, o comentarista Vācaspati Mīśra aponta que a *Yājñavalkya Smṛti* declara que um sábio conhecido como Hiranyagarbha foi o professor original de *yoga*.

Assim, o *Yoga Sūtras* de Patañjali é uma organização ou sistematização das tradições de *yoga* existentes.

Patañjali não estava dando nascimento a algo novo, porém, porque ele é o organizador, se torna a figura primeira ou seminal para as tradições de *yoga*, e é aceito deste modo por todas as escolas, incluindo as escolas rivais.

IYM: Por que você escreveu este livro?

EB: Esse é o meu sexto livro. Fiz uma outra tradução a partir do sânscrito, o décimo livro do *Bhāgavata Purāṇa* (a história da encarnação de Kṛṣṇa). Essa tradução do *Yoga Sūtras* destina-se aos estudantes de *yoga* e surgiu a partir das minhas palestras a alunos da universidade e a muitas comunidades de *yoga* diferentes. O livro pretende ser rigoroso em termos acadêmicos, mas está destinado a praticantes educados de *yoga* em acréscimo aos acadêmicos.

É um comentário tradicional na medida em que represento os comentários tradicionais e, então, adiciono alguma elaboração própria. Não pretendo ter nenhum *insight* inovador. Não penso que seja deste modo que a tradição funciona: na Índia os sistemas de conhecimento foram transmitidos por meio da sucessão discipular, *parampara*.

Esta abordagem consiste em partir das tradições existentes e expandir-se sobre elas. Opto por dar continuidade a essa sucessão. Quis fundamentar meu comentário completamente nos comentários tradicionais, a fim de oferecer ao praticante moderno *insight* sobre os *sūtras* e da prática dos *sūtras* a partir da compreensão tradicional de-



les, porém, expando sempre que sinto a necessidade de maior esclarecimento para o contexto moderno.

Sou também um praticante. Assim, estava no duplo papel de acadêmico e praticante. Queria saber o que a tradição dizia. Senti que isso se tornou diluído e irreconhecível em alguns dos comentários modernos. Também tinha preocupações com o modo como o *yoga* vinha sendo apresentado no Ocidente. A ideia de que o *āsana* representa o *yoga* diz tudo sobre algumas (mas, para ser justo, não todas) representações modernas. Há grande benefício na prática de *āsana*. Porém, comecei a ver uma grande sede em muitos praticantes, uma vez que tinham dominado o *āsana*. Na medida em que a mente se torna mais pacífica (após efetuar *āsana*), torna-se interessada em se abrir para outra dimensão do *yoga*.

IYM: Existe uma grande variedade de diferenças nas tradições clássicas?

EB: A tradição do *yoga* é muito diferente da tradição do *Vedānta*, a qual possui três textos principais: *Upaniṣads*, *Bhagavad Gītā* e *Vedānta Sūtras*. Na tradução do *Vedānta*, os comentários diferem de forma significativa na compreensão metafísica. A questão básica que examinam é o relacionamento entre *Brahman* (O Absoluto), *Ātman* (o Si-mesmo individual) e o mundo. Os comentaristas, tais como *Adi Śāṅkara* e *Śrī Rāmānuja* diferem grandemente em suas interpretações. A tradição do *yoga* é inteiramente diferente neste aspecto – é muito homogênea.

Os comentaristas expandem-se uns sobre os outros, e conquanto possam ocasionalmente debater minúcias, não divergem sobre os conceitos metafísicos essenciais. Isso significa que podemos falar sobre uma tradição do *yoga*. Não podemos falar sobre uma tradição *Vedānta*. Temos que falar “*Vedānta* de acordo com *Śāṅkara*” ou “*Vedānta* de acordo com *Madhva*.” Para estabelecer uma tradição, é necessário um corpo de conhecimento padronizado, consistente.

Nós temos uma tradição assim em *yoga*, apesar de que muito *yoga* do Ocidente não seria reconhecido hoje por *Patañjali*. A tarefa que estabeleci para mim mesmo foi apresentar o que a tradição pré-moderna tem a dizer sobre si própria.

IYM: Precisamos de comentários para interpretar os *sūtras* em si mesmos?

EB: Quando falamos sobre os *sūtras*, não temos a menor ideia do que metade deles significa. Alguns versos são mais fáceis, mas muitos necessitam dos comentários. São tão obtusos e indecifráveis em seus respectivos termos, que não se pode interpretar o significado a partir deles. O *Yoga Sūtras* foi uma composição transmitida oralmente, e este é o motivo pelo qual os *sūtras* são curtos e muito obscuros. As pessoas os memorizavam. Cada *sūtra* é quase como um tópico. Se você está fazendo uma apresentação em uma conferência e não deseja ler um papel, escreve alguns tópicos para ajudá-lo a estruturar a palestra e a desencadear a sua memória. Do mesmo modo, os *sūtras* são muito sucintos. Eles se destinam a serem desempacotados pelo professor. Assim, dizer que podemos ignorar os comentários é uma tarefa grandiosa e, em última instância, impossível.

O *Yoga Sūtras* é um manual para ser ensinado por um professor. Os próprios *sūtras* são como instrumentos mnemônicos – como notas para um professor. Alguns desses professores escreveram comentários. De fato, quando falamos sobre a filosofia de *Patañjali*, o que realmente queremos dizer é a compreensão de *Patañjali* de acordo com *Vyāsa*, o comentarista do século V. Ele determinou o que os herméticos *sūtras* de *Patañjali* significavam, e todos os comentaristas subsequentes elaboraram a partir de *Vyāsa*. Os comentários de *Vyāsa* tornam-se tão canônicos quanto os de *Patañjali*. Desse modo, a filosofia do *yoga* é, realmente, a filosofia de *Patañjali* conforme a compreendida por *Vyāsa*!



IYM: A quais comentários você faz referência em seu livro?

EB: O primeiro comentário que temos é do sábio Vyāsa. A partir de um *sūtra* de poucas palavras, Vyāsa poderia escrever dez linhas de comentário. Todos os comentaristas posteriores desempacotaram Vyāsa.

Ninguém questiona seus comentários, os quais são considerados canônicos. Também consultei extensivamente o segundo comentarista mais importante, Vacāspati Mīśra, assim como outros contribuintes importantes para a tradição, tais como Vijñānabhikṣu, Bhoja Raja, o comentário atribuído a Śāṅkara e outros comentaristas pré-modernos. Como um aparte, meu comentário traz mais do elemento Īśvara. Īśvara significa Deus – o Ser Supremo, um *Puruṣa* distinto e superior a todas as outras almas em Patañjali. É muito interessante ver as pessoas se contorcendo para longe de Īśvara.

Aqueles que fogem das tradições abraâmicas correm para os braços de Īśvara em Patañjali. Você não pode escapar de Deus em yoga! Alguns tentam redefinir o que Īśvara significa – construindo-o como um “*yogī* paradigmático” e outras coisas assim – porém isso viola o significado do termo não apenas em Patañjali, mas na tradição filosófica indiana inteira! A conclusão é que Patañjali é um teísta. Ele era um *īśvaravadin*. Outras facções, tais como as escolas do jainismo, budismo e mīmāṃsā, todas negam a existência de Īśvara em bases filosóficas, porém ninguém diverge sobre o que o termo significava – nem mesmo as escolas ateístas. Quase todas as filosofias hindus são teístas, porém até os ateístas compreendiam e aceitavam o significado do termo como Deus, mesmo quando elaboravam argumentos filosóficos contra a existência de tal Ser.

IYM: É por essa razão que existe a discussão sobre se *yoga* é uma religião ou não?

EB: Embora Patañjali seja um *īśvaravadin*, não é dogmático. Na *Bhagavad Gītā*, Kṛṣṇa diz: “Eu sou o Supremo. Eu sou Deus. Entregue-se a Mim.” Kṛṣṇa está afirmando que ele é Īśvara. A *Śvetāśvatara Upaniṣad* alega que Rudra (Śiva) é Deus. Patañjali **não diz que** Kṛṣṇa é Īśvara ou que Śiva é Īśvara. Ele não identifica Īśvara, talvez porque reconhecesse que, assim o fazendo, afastaria pessoas de outras seitas. Īśvara é uma categoria filosófica – a categoria de Deus, o Ser Supremo. Algumas seitas identificam Īśvara como sendo uma das grandes manifestações da Divindade, assim como Kṛṣṇa ou Viṣṇu ou Śiva. Patañjali optou por não fazê-lo. Ele evita o sectarismo. Convida o praticante a louvar o Īśvara de sua escolha, seu *iṣṭa devatā* no âmbito da tradição do *yoga*. Assim, *yoga* é uma tradição religiosa, teística, porém, não é uma religião.

IYM: Ou, como Śrī Swami Satchidananda frequentemente dizia: “*Yoga não é outra religião.*”

EB: Sim, absolutamente verdadeiro. Não é uma religião. Você pode ser cristão e se adequar ao *Yoga Sūtras*. De fato, o *yoga* é principalmente uma psicologia da mente; uma técnica de involução da percepção consciente para a sua própria fonte. É uma prática de se tornar consciente do si-mesmo, que conduz à revelação do Si-mesmo.

IYM: O que você sente que o *Yoga Sūtras* tem a dizer para o nosso mundo moderno?

EB: O *Yoga Sūtras* é um texto atemporal no que respeita poder ser aplicado a todas as épocas e a todos os seres incorporados. Ao mesmo tempo, devemos nos dar conta de que o *Yoga Sūtras* é um texto radical. O segundo *sūtra* (*yogaś citta vṛtti nirodhaḥ*) é uma afirmação tão radical quanto um ser humano pode fazer: “Pare



de pensar!” Nossa única experiência da realidade é uma mediada pelo pensamento. Até lutar com essa ideia é um pensamento, e essa ideia envolve pensar. Deste modo, ser solicitado a parar o pensamento é muito radical para o nosso mundo moderno!

Yoga se refere a posicionar-se atrás da mente e involuir a percepção consciente para sua própria fonte, para *Puruṣa*. O *Yoga Sūtras* é extremado e ascético; tem a ver com abrir mão de todo desejo por prazer material. Entretanto, você o dilui, este é o significado. Obviamente, a tradição *Vedānta* alega que a felicidade que procuramos nos prazeres materiais é uma fração da felicidade que será encontrada quando revelarmos *Puruṣa*, a fonte da beatitude. Desse modo, *yoga* não está nos pedindo para abdicar da felicidade material sem recompensa.

O que podemos fazer, como pessoas no mundo que não vão se retirar para viver uma vida ascética, ou alcançar os estados elevados de *samādhi* descritos nos *sūtras* é, não obstante, alcançar benefícios secundários da prática de meditação. Talvez o tema mais frequentemente repetido nos comentários é que *yoga* trata da alteração dos *guṇas* [qualidades da natureza] de uma pessoa. Os comentaristas praticamente definem *yoga* como sendo a maximização de *sattva*. Há muita vantagem e benefício em estar em *sattva*. *Sattva* é sabedoria, intuição, pacificidade, felicidade, clareza. É a felicidade *prakṛtica*, não a beatitude associada com *Puruṣa*. Porém, apesar disso, é um estado de bem-estar e calma. Quando *rajas* [inquietação] está ativada, ficamos confusos e atormentados pelos desejos e frustrações; não sabemos o que é certo ou errado. Até um pouco de meditação pode acarretar grande benefício à nossa sociedade ocidental agitada e frenética. Até uma pequena maximização de *sattva* produz bons frutos. A consequência da pacificação da mente é felicidade. Assim, todos podem beneficiar-se mesmo dos estágios preliminares de *yoga*. Contudo, a meta final do *yoga* é transcender até *sattva*.

IYM: Você acha que há desafios específicos enfrentados pelos ocidentais ao tentar aplicar o *Yoga Sūtras*?

EB: Ressalto meu comentário de que Patañjali é enfático acerca dos *yamas* e *niyamas*. Não podemos dizer que o que ele ensina é aplicável somente ao período no qual ele codificou os *Sūtras* ou que eles se destinam apenas aos hindus que vivem na Índia. Patañjali assevera que os *yamas* e *niyamas* são votos grandes, universais. Ele não teve que qualificá-los além disso – universal significa absolutamente sem exceções. Para salientar o ponto, ele mais adiante qualifica que não há exceção à sua prática baseado em família, período, época, país ou condição.

É interessante porque ao longo dos *Sūtras*, ele geralmente é não-dogmático e discreto, mais ele e seus comentaristas são muito intransigentes sobre a universalidade para os *yogīs* de seguir os *yamas* e *niyamas*. Os comentaristas afirmam que não há possibilidade de cultivar *sattva* ou estágios mais elevados de *samādhi* sem os *yamas* e *niyamas*.

IYM: Swami Satchidananda frequentemente debatia o paralelo entre os *yamas* e *niyamas* e os Dez Mandamentos e do budismo *dāsa-sila*.

EB: Sim, no budismo encontramos cinco preceitos, *silas*, quatro dos quais correspondem aos cinco *yamas*. No jainismo há os cinco *mahavratas* ou grandes votos que são idênticos aos cinco *yamas*. Os *yamas* e *niyamas* eram princípios padrão não negociáveis para os praticantes espirituais na antiga Índia, de acordo com Patañjali. Podemos agarrar ou largar isso mas, segundo a tradição do *yoga*, se não estão presentes os *yamas* e *niyamas*, estamos apenas nos enganando – sem eles existem apenas *rajas* e *tamas* [inércia]. E sem *sattva*, certamente não há *yoga*, ao menos, não *yoga* como reconhecido por Patañjali!